

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS



# CONIMBRIGA



VOLUME XXXVI - 1997

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

MANUELA ALMEIDA FERREIRA

Mestre em Arqueologia

VIDROS ROMANOS DE S. MIGUEL DE ODRINHAS (SINTRA)

“Conimbriga” XXXVI (1997) p. 177-182

RESUMO: A autora examina um grupo de vidros romanos essencialmente dos sécs. III e IV e apresenta reconstituições de três das formas mais representativas deste período. Trata-se de material proveniente da *villa* de S. Miguel de Odrinhas (Sintra).

SUMMARY: The author examines a group of Roman glass remains mainly of the 3<sup>rd</sup> and 4<sup>th</sup> centuries D.C. Reconstitutions of three of the more typical forms of this period are put forward. These finds came from S. Miguel de Odrinhas (Sintra) Roman *villa*.

(Página deixada propositadamente em branco)

## VIDROS ROMANOS DE S. MIGUEL DE ODRINHAS (SINTRA)

O espólio vítreo exumado da *villa* romana de S. Miguel de Odrinhas compreende 15 bordos de formas abertas, 2 asas, um fundo cónico, 3 fragmentos de parede com decoração gravada à roda, um fragmento de bracelete e um pingo decorativo de um copo de tipo tardio.

Eis os fragmentos susceptíveis de caracterizarem este espólio como um conjunto do Baixo Império:

a) as taças de bordos em S, cujos bordos não orlados foram cortados à tesoura, correspondentes aos tipos 117 de Isings e 76 de Morin-Jean (n.ºs 1-4). (Isings, 1957, p. 147, Morin-Jean, 1913, p. 126). Em Portugal, têm paralelo entre o vidro romano tardio de Conimbriga (Alarcão e Alarcão, 1965, pp. 118-120, Est. VIII-IX e Alarcão *et alii*, 1976, pp. 194-195, Est. XLII). Trata-se de uma forma conhecida em várias regiões europeias sob o domínio romano, no séc. IV, época em que, dos perfis às asas, o gosto evolui no sentido de contornos animados de mais movimento do que nos primeiros séculos do Império.

A secção inferior da copa, não conservada nos exemplares de S. Miguel de Odrinhas, era por vezes decorada por reentrâncias ovaladas (Alarcão, 1970, p. 243, fig. 11). (Est. I, n.º 2).

O n.º 5 tem os contornos de uma taça referida como pertencendo ao grupo de taças gravadas do grupo Wint Hill, datadas da 1.ª metade do séc. IV (Harden, 1960, pp. 45-52).

b) as taças de bordo engrossado ao fogo, de copa arqueada (n.ºs 6-8) ou troncoconica (n.º 9), semelhantes aos n.ºs 203, 206, 207 e 212 de Conimbriga (Alarcão *et alii*, Est. XLII) datáveis do séc. IV.

c) a gotícula n.º 23, elemento de um tipo de decoração plástica inventada cerca de 300 D.C. (Alarcão e Alarcão, 1965, p. 108). De cor turquesa aplicada, em contraste, sobre um fundo incolor, esta gotícula atesta o uso, em S. Miguel de Odrinhas como em Conimbriga, de um

tipo de copo frequente no séc. IV (Morin-Jean, 1913, p. 226, fig. 306 e Isings, 1957, p. 113. A reconstituição deste vaso é proposta na Est. 11/23.

Esta formula decorativa subsistiu, sob formas diversas, na Alta Idade Média e veio a dar origem, já em meados do séc. XIV, na Alemanha, ao *Rippenbecher* (Schütte, 1976, pp. 103-104, Est. 3).

Os demais fragmentos, embora tipológica e cronologicamente menos eloquentes, apontam para a mesma época tardia, adentro dos limites temporais de Império Romano.

As taças de rebordo tubular (n.ºs 11-13), provavelmente de copa arqueada e, eventualmente, repousando sobre um pé anelar (Est. 11/12), são semelhantes às da forma 115 de Isings (Isings, 1957, p. 143), datável de finais do séc. IV.

O n.º 10 tanto pode ter sido uma taça como um pote de bojo globular do tipo 94 de Isings, datando da 2.ª metade do séc. II e do séc. III (Isings, 1957, p. 111). Igualmente um pote terá sido o n.º 14 que, dada a sua cor azul, sugere alguma reflexão. De facto, ao vidro intencionalmente colorido caro ao consumidor da época julio-claudiana, sucedeu, no final da época flávia, a preferência pelo vidro incolor. Assim, o n.º 14 poderá ser mais antigo do que a generalidade do material aqui considerado, remontando, designadamente, a meados do séc. II D.C. e sendo, nesse caso, coevo do n.º 10.

O n.º 15 será o bordo de uma taça (Clairmont, 1963, p. 466, Est. XI/468).

O bordo n.º 16, ao qual se liga uma asa, deve ter pertencido a uma lamparina do tipo 134 de Isings, datado a partir do séc. III tardio e que se prolongou pela Alta Idade Média (Isings, 1957, p. 162). Quanto ao n.º 17, é impossível atribuí-lo a qualquer forma particular.

O n.º 18 é um fundo cónico que deve ter feito parte de um frasco de pequenas dimensões, utilizado eventualmente como unguentário.

Os fragmentos n.ºs 19 a 21 ostentam vestígios de decoração gravada à roda. Apenas o n.º 20 conserva um perfil susceptível de leitura. Pertenceu, provavelmente, a uma taça do tipo 116 de Isings, análoga a algumas das taças decoradas por motivos geométricos gravados à roda descobertas noutras regiões do Império Romano e datadas da 1.ª metade do séc. IV (Isings, 1957, pp. 144-145).

O bracelete n.º 22, estriado, a quente, com o auxílio de um utensílio de vidro, é análogo aos da época trajana exumados em Conimbriga (Alarcão *et alii*, 1976, Est. XLVI/311-312).

CATÁLOGO

N.º 1 — Taça. Copa em S; bordo de arestas vivas, cortado à tesoura. Sopragem livre. Vidro transparente esverdeado (Methuen 30 B4). 0 140mm SMO/R/57/53.

N.º 2 — Idem. 0 144mm SMO/R/57/23.

N.º 3 — Idem. Vidro transparente esverdeado (Methuen 30 B3). 0 144mm SMO/R/57/36.

N.º 4 — Idem. 0 172mm SMO/R/57/56.

N.º 5 — Copo cónico. Bordo em S; bordo de arestas vivas, cortado à tesoura. Sopragem livre. Vidro transparente esverdeado (Methuen 30 B4). 0 72mm SMO/R/57/41.

N.º 6 — Taça. Copa em forma de calote; bordo engrossado ao fogo. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, irisado. 0 160mm SMO/R/57/26.

N.º 7 — Taça. Paredes esvasadas; bordo engrossado ao fogo. Sopragem livre. Vidro transparente esverdeado (Methuen 26 A2). 0 210mm SMO/R/57/19.

N.º 8 — Taça. Copa em forma de calote; bordo engrossado ao fogo. Sopragem livre. Vidro transparente esverdeado (Methuen 26 A2). 0 118mm SMO/R/57/30.

N.º 9 — Taça. Paredes sobre o cilíndrico; bordo engrossado ao fogo. Sopragem livre. Vidro transparente incolor. 0 112mm SMO/R/57/37.

N.º 10 — Taça (ou pote ?). Bordo esvasado, engrossado ao fogo. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, irisado. 0 98mm SMO/R/57/39.

N.º 11 — Taça. Bordo tubular esvasado. Sopragem livre. Vidro transparente incolor. 0 98mm SMO/R/57/31.

N.º 12 — Taça. Bordo tubular; copa hemisférica (?). Sopragem livre. Vidro transparente incolor, irisado. 0 114mm SMO/R/57/17 e 21.

N.º 13 — Idem. 0 84mm SMO/R/57/16.

N.º 14 — Potinho. Bordo tubular; bojo globular (?). Sopragem livre. Vidro transparente azul (Methuen 22 E8). 0 76mm SMO/R/57/47.

N.º 15 — Taça. Paredes levemente envasadas; bordo engrossado ao fogo, em forma de cabeça de fósforo. Sopragem livre. Vidro transparente incolor. 0 120mm SMO/R/57/15.

N.º 16 — Lamparina (troncoconica, de três asas ?). Sopragem livre. Vidro transparente incolor. 0 indeterminável. SMO/R/91/1.

N.º 17 — Asa. Vidro transparente incolor. SMO/R/57/44.

N.º 18 — Fundo cónico (de frasco ?). Sopragem livre. Vidro transparente incolor. 0 indeterminável. SMO/R/57/52.

N.os 19-21 — Fragmentos de parede. Decorados por motivos geométricos gravados à roda. Vidro transparente esverdeado (Methuen 30 B3). SMO/R/57/54, 55 e 63.

N.º 22 — Bracelete. Estriado a quente, a espaços regulares. Vidro opaco negro. 0 72mm SMO/R/57/304.

N.º 23 — Copo. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, decorado por uma gotícula azul turquesa (Methuen 24 B7) aplicada em relevo. SMO/R/57/72.

#### BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A. e ALARCÃO, J. (1965) — *Vidros romanos de Conimbriga*, Conimbriga.  
ALARCÃO, J. (1970) — “Vidros romanos de Balsa”, *O Arqueólogo Português*, pp. 237-272.  
ALARCÃO, J. et alii (1975) — *Fouilles de Conimbriga — VI — Céramiques diverses et verres*, Paris.  
CLAIRMONT, C. W. (1963) — *The excavation at Dura-Europos — Final Report IV — Part V — The glass vessels*, New Haven.  
HARDEN, B. (1960) — “The Wint Hill Hunting Bowl and Related Glasses”, *Journal of Glass Studies*, Vol. II, pp. 45-81.  
ISINGS, C. (1957) — *Roman Glass from dated finds*, Groningen — Djakarta.  
MORIN-JEAN (1913) — *La verrerie en Gaule sous l'Empire Romain*, Paris.  
SCHÜTTE, S. (1976) — “Mittelalterliches Glas aus Göttingen”, *Zeitschrift für Archäologie des Mittelalters*, Voi. 4, pp. 101-117.





